

CAPÍTULO 1

A questão proposta

I

Blaise Pascal (1623-1662) foi um matemático, cientista e inventor. Para ajudar seu pai, que todas as noites tinha que passar longas horas somando números, ele inventou a máquina de somar. Incomodado com o problema de se locomover em Paris, inventou o conceito de transporte público, sugerindo que vagões atravessassem Paris em rotas definidas e em horários fixos. Seu pensamento original, rabiscado de modo casual, tornou-se, quando publicado, um grande livro da história da filosofia e da religião.¹

A respeito do pecado original, Pascal fez o seguinte comentário: “Sem dúvida, nada é mais rude que essa doutrina, e ainda, devido a seu mistério, o mais incompreensível de todos, permanecemos incompreensíveis para nós mesmos”.² Ele pode ser reformulado dessa maneira: a dou-

¹ Blaise Pascal, *Pensées*, ed. Louis Lafuma, tradução de A. J. Krailsheimer (Nova York: Penguin Books, 1966).

² *Ibid.*, p. 65, n. 131.

trina do pecado original está além de nossa capacidade de explicá-la, mas sem ela, não podemos explicar nada. Como ele escreveu: “Permanecemos incompreensíveis para nós mesmos”. Pascal estaria certo?

Aparentemente, os editores da décima quinta edição da *Encyclopaedia Britannica* [Enciclopédia britânica] não concordaram com Pascal, porque não incluíram nenhuma entrada referente a pecado. A *Encyclopaedia of Philosophy* [Enciclopédia de filosofia] não contém entrada separada, mas conduz o leitor à ética. Nossos jornais diários registram a crônica deprimente dos crimes, mas nunca os chamam de pecados. Ensaios e livros que relatam algumas das mais infames atrocidades da história da raça humana não os nomeiam pecados. O noticiário diário da televisão às vezes nos advertirá de que o que está prestes a ser mostrado pode ser aterrorizante para algumas pessoas, mas a ação terrível não é chamada de pecado.

Pascal não era um observador comum da cena humana. O filósofo alemão, Ernst Cassirer (1874-1945), dá muita atenção a Pascal em seu trabalho de levantamento do Iluminismo.³ Pascal apresentou o problema do pecado original para sua geração e sucessores. Não apenas seus sucessores imediatos reagiram violentamente a ele, mas, como veremos no capítulo 2, as questões levantadas por Pascal ainda são muito debatidas. Se Pascal estava certo, todos nós estamos sistematicamente enganados. Somos como a raça humana antes do desenvolvimento da microbiologia. Sofremos com

³ Ernst Cassirer, *The Philosophy of the Enlightenment*, tradução de Fritz C. A. Koelln e James P. Pettegrove (Boston: Beacon Press, 1951), p. 142.

doenças graves e infecções, e não temos a menor noção do que as causa.

Além das obras sobre teologia cristã e da pregação da Palavra, o pecado está fora do discurso comum. Um dos motivos é que a palavra sofreu uma inflação de significados. Outro, mais importante, é que a cultura secularizada e o sistema educacional secularizado evitam termos teológicos. Se alguém deseja levar a cabo uma discussão reflexiva e responsável sobre os grandes transtornos e fraturas da psique individual e da humanidade corporativa, que termo deve usar? Depois de procurar em dicionários de sinônimos sobre os males humanos, a palavra pecado permanece a melhor. Por todas as suas limitações, a palavra pecado descreve melhor os males da experiência humana.

Por pecado entendemos a soma de todas as ladainhas de aflições, males e sofrimentos humanos. O pecado significa a fratura trágica que pode acontecer à psique humana, bem como as trágicas fraturas na vida de uma nação e aquelas superfraturas nas relações internacionais. A litania do pecado inclui crimes, guerras, ações judiciais e desordens mentais. Inclui todas as formas de alienação, brutalidade e discriminação presentes na sociedade. Também inclui as maneiras mais educadas e sutis com que os seres humanos abusam uns dos outros. Ela indica problemas familiares, nacionais e internacionais. Inclui vícios pessoais e governamentais. O pecado é contradição; o pecado é violência; o pecado é uma sutileza serpentina. O pecado é inércia moral; o pecado é a resposta humana ao trágico sofrimento humano.

Entendido nesse contexto (mais amplo que os textos sobre a teologia cristã e os sermões das manhãs de domin-

go), pode haver tópico mais importante para a discussão humana? Devido ao pecado (entendido de modo abrangente), o sistema judicial está congestionado; as penitenciárias superlotadas; as forças policiais sobrecarregadas. Cada sistema escolar deve combater a desobediência, a violência e o uso de narcóticos. Toda família se sente ameaçada pela desintegração interna ou externa. A guerra perturba a vida nacional e internacional.

O conceito de pecado não se limita à teologia cristã. Todo trabalho sobre ética pressupõe comportamento anti-ético, que nada mais é que um sinônimo de pecado. Todos os grandes filósofos lutaram contra o problema do mal, e o pecado é uma subdivisão do mal. Todas as religiões mundiais presumem que algo está errado com a espécie humana, e a palavra cristã para esse algo é pecado. Além disso, nenhuma vida humana pode suportar o escrutínio final. Antígono da Macedônia escreveu: “O escravo que cuida do meu penico não me considera um deus”. Essa é a origem ancestral da observação de Michel de Montaigne (1533-1592): “Nenhum homem é um herói para seu criado de quarto”. Sabe-se bem, no estudo da santidade, que os santos têm profundos sentimentos de indignidade. Aqueles que estão perto dos anjos brilhantes sabem como é sórdida a vida humana.

Pascal apontou ainda que a humanidade pecadora não pode se ver com nitidez. Somos anjos ou brutos? Somos macacos ou criaturas nuas à imagem de Deus? O dogmático ou o cético estão certos? O materialista ou o idealista está certo? Os seres humanos são gigantes na presença de um micróbio ou micróbios da perspectiva das estrelas? Somos

a escória e a glória do universo, mas quanto é escória e quanto é glória?

Philip H. Rhinelander escreveu um livro intitulado *Is Man Incomprehensible to Man?* [O homem é incompreensível ao homem?].⁴ Ele examinou todas as definições da humanidade como distintas do reino animal. Seria a arte? A religião? O pensamento? Seriam as ferramentas? Mas é claro que ele não discutiu a pecaminosidade! Pascal disse que a humanidade é incompreensível para si mesma, pois sendo pecadores, perdemos todas as perspectivas objetivas sobre nós mesmos. O resto deste livro poderia ser chamado comentário sobre o problema de Pascal.

II

Ninguém questiona a existência de desordens na sociedade, os maus atos do criminoso profissional, a guerra interminável entre as nações ou as práticas corruptas de alguns políticos. A questão é se a doutrina cristã do pecado ainda consiste na melhor explicação desses males. A explicação cristã perdeu o domínio na sociedade ocidental em parte porque um grupo de conceitos surgiu, efetivamente, substituindo ou enfraquecendo a doutrina cristã tradicional.

Um desses conceitos é o condicionamento. Isso significa mais que o trato digestivo que começa automaticamente a funcionar à vista dos alimentos. Em vez disso, refere-se ao tipo mais geral de condicionamento recebido pelo indivíduo da família, da comunidade e até mesmo da sociedade maior. Somos o que somos como a soma desses processos

⁴ Philip H. Rhinelander, *Is Man Incomprehensible to Man?* (Nova York: W. H. Free-man, 1974).